

PRAÇA ÓPERA "LO SCHIAVO"

Decreto nº 5762 de 17-07-1979

Formada pela praça sem denominação da Vila Castelo Branco

Situada entre a avenida Ibirapuera e as ruas Monte se, Mário Sidow e Raimundo Correia

Vila Castelo Branco

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 12.584 de 02-05-1979, em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos.

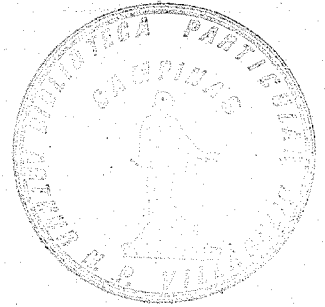
ÓPERA "LO SCHIAVO"

Sem dúvida que é digna dos maiores encomios a idéia do historiador e jornalista João Baptista de Sá, o Jolumá Brito, em sugerir a denominação de algumas praças da cidade com os nomes das composições do genial maestro campineiro Antonio Carlos Gomes. A praça Ópera "Lo Schiavo" é um exemplo. Quando Carlos Gomes regressara mais uma vez do Brasil à Italia, em 25-março-1884, já lêra e estava compondo em seus principios a nova ópera "Lo Schiavo" (O Escravo), mesmo porque entendera ele que o trabalho estava algo prejudicado e defeituoso nos 3º e 4º atos. O primeiro nome dessa composição era "Moema", escrito que fôra pelo seu amigo íntimo Alfredo de Taunay. Dissera-lhe o autor do libreto: -"Trabalha pelos infelizes e que Deus te faça feliz", é que o Brasil estava em plena campanha da abolição para a libertação total dos escravos. O poema em versos seria do poeta Rodolfo Paravicini, seu velho amigo, desde que chegara a Milão. Tempos depois, Carlos Gomes dirige uma carta à Princesa Isabel dedicando-lhe sua nova obra "Lo Schiavo", visando com isso homenagear a família imperial do Brasil, pois que D.Pedro II sempre fora seu protetor. Embora em Milão, "O Escravo" fosse solicitado por inúmeras vêzes para ser levado à cena no Scala, entendia, no entanto, seu autor, devesse essa obra, estreiar no Rio de Janeiro. Finalmente, em 29-julho-1889, Carlos Gomes com a ajuda de seus mais íntimos amigos e colaboradores, conseguem montar "O Escravo" sob grande expectativa do público carioca. Quando de sua estréia, Antonio Carlos Gomes - o Tônico de Campinas - obtém mais um esplendido triunfo em sua carreira artística, tendo o célebre André Rebouças, por essa ocasião, chamado-o de "Maestro da Abolição". Pena foi que a família imperial, diante dos sucessos políticos que abalavam a Côrte naqueles dias, não pudesse assistir ao trabalho magnífico de Carlos Gomes que, diante da exigência do público foi sendo rerepresentado em sucessivas

Praça Ópera "Lo Schiavo"

Fls. 02

noites. Todos os jornais elogiaram a nova ópera de Carlos Gomes. Quando "Lo Schiavo" foi encenado pela terceira vez, foi um verdadeiro delírio da platéia, quando toda ela gritava e as senhoras agitavam lenços e os homens faziam voar seus chapéus. "Lo Schiavo" é um drama lírico em quatro atos e ambientado no Vale do Paraíba, em meados do século XVI, ao tempo da Confederação dos Tamoios, episódio histórico que se refere à aliança dos índios tamoios com os franceses invasores, em guerra contra os portugueses. Américo, filho do conde Rodrigo, está enamorado de Ilara, uma escrava índia. O velho conde, porém, não concorda com a pretensão do filho, de desposar a escrava e decide fazer com que outro escravo seu, o índio Iberê (a quem Américo considera mais um amigo que um escravo) com ela se case. Ilara e Iberê, depois de casados, são vendidos à Condessa de Boissy, a qual, por sua vez, está enamorada de Américo. Este, porém, recusa o amor da Condessa, dando-lhe a entender que seu coração pertence a outra mulher. Logo a seguir, Américo toma conhecimento do casamento de sua amada com seu amigo Iberê, por quem se considera traído e a quem tenta matar. A Condessa de Boissy, em sinal de gratidão, liberta os índios seus escravos, que combateram ao lado de Coligny, entre os quais estão Ilara e Iberê. Este, após sua libertação, é transformado em chefe dos tamoios. Américo, pouco depois, cai prisioneiro dos índios chefia- dos por Iberê e é levado à presença de seu antigo amigo. Os selvagens clamam por sua morte, mas Iberê os despede, para ficar a sós com Améri- co e Ilara, dizendo que "sua própria cabeça" responde pela do outro. Du- rante esse colóquio, Américo tenta matar Iberê, a quem considera um traidor de sua amizade, por haver desposado a mulher a quem ele, Améri- co, amava. Ilara, entretanto, interpõe-se entre os dois e diz, final- mente, a seu amado, que Iberê respeitara sua castidade, apesar de ha- vê-la desposado, guardando-a para seu verdadeiro amor. Iberê, a seguir, acoberta a fuga dos dois e fica para enfrentar seu liderados, que o cercam. Gritando "Vitória! Triunfa o Amor!", Iberê mata-se, enterrando uma faca em seu peito.



DECRETO N.º 5762 DE 17 DE JULHO DE 1979.

DENOMINA PRAÇAS NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º - Ficam denominadas as praças a seguir descritas:

"Praça Opera Condor" a praça sem denominação do Jardim Flamboyant, situada entre as ruas Palmital e Palestina e a Av. José Bonifácio;

"Praça Opera Salvador Rosa" a praça sem denominação do Jardim Chapadão, situada entre as ruas do Açúcar e Quintino Bocaiuva e a Av. Governador Pedro de Toledo;

"Praça Opera Lo Schiavo" a praça sem denominação da Vila Castelo Branco, situada entre as ruas Montesa, Mario Sidow, Raimundo Correia e Av. Ibirapuera.

"Praça Opera Fosca" a praça sem denominação da Vila Boa Vista, situada entre as ruas das Acácias, dos Cedros, dos Ebanos e dos Ipês Brancos.

"Praça Opera Maria Tudor" a praça sem denominação do Jardim do Lago, situada entre as Avenidas Moisés Gadia e Adão Focesi.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 17 de Julho de 1979.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

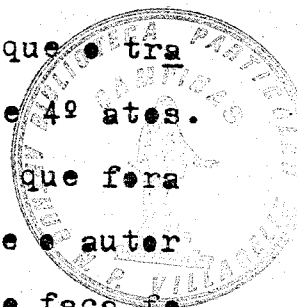
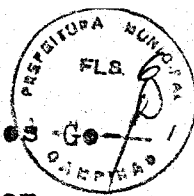
ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 12584, de 2 de maio de 1979, em nome da "Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos", e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 17 de Julho de 1979.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

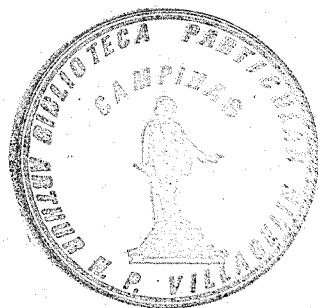
MIVIV I 3644.4
PRAÇA OPERA LO SCHIAVO

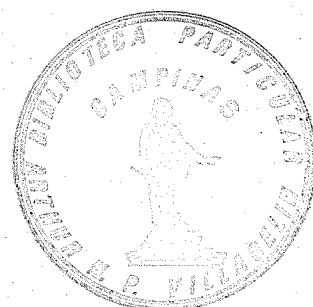
Quando retornara mais uma vez do Brasil a Italia, Carlos Gómes em 25 de março de 1884 já lera e estava compoendo em seus principios a nova opera em prepare Lo Schiavo (O Escravo), mesmo por que naquele mes e ano entendera ele que o trabalho estava algo prejudicado e defeituoso nos 3º e 4º atos. O primeiro nome dessa composicao era Meema, escrito que fora pelo seu amigo íntimo Alfredo de Taunay. Dissera lhe o autor de librete:—"Trabalha pelas infelizes e que Deus te faça feliz." é que estavamos em plena campanha da abolição, para a libertação total dos escravos. O poema em versos era do poeta Rodolfo Paravicini, seu velho amigo, desde que chegara a Milao. Mas, o Tenico de Campijas naqueles dias vivia apesantado com dividas que se iam acumulando da construção da "pallazzina" em Lecce, ás margens de seu feroz lago, tendo construído daquela obra aumentado, sem sua autorização e bastante a edificação. (Hoje, esse edificio ainda existe e serve de Hotel, segundo nos informaram quando lá estivemos). A luta que continuava nos bastidores entre os publicistas das operas dos compositores italianos ou não, também em muito prejudicava a tranquilidade de Carlos Gómes, pondo-o em contínuo sobresalto. Então pediu por carta ao seu protetor na Côrte que era Taunay para que explicasse ali no Rio de Janeiro -- que seu novo trabalho Lo Schiavo (O Escravo), era assunto inteiramente nacional e que o titulo fora inventado por ambos em 1880. Diante de seu desespero o filho de Manoel Muscio pensou em vender os direitos autorais de seu trabalho á Ricciardi, embora com prejuizo, com apenas 40% de lucro! Pretendia a essa altura de sua vida homenagear a Família Imperial do Brasil, pois que D. Pedro II sempre fora seu protetor, dedicou então Lo Schiavo a Princesa Izabel enviando lhe uma carta em que escreveu, dentre outras coisas, dizendo:--Senhora! Digne-se V. Alteza acolher este drama, no qual um brasileiro tenta apresentar o nobre carater de um indigena escravizado. Na memoravel data de 13 de maio de 1888 em prol de muitos





semelhantes ao protagonista deste drama, Vossa Alteza, com ânimo gentil e patriótico teve a glória de transmutar o cativo em eterna alegria e liberdade. "Estávamos em 29 de julho de 1888. E embora em Milão o Escravo fosse solicitado por inúmeras vezes para ser levado á cena no Scala, não entendia Carlos Gomes que isso devesse acontecer, pois que, primeiramente fazia ele questão de manter seu ponto de vista, estreitando-o no Rio de Janeiro. Finalmente em 29 de julho de 1889, Carlos Gomes com a ajuda de seus mais íntimos amigos e colaboradores conseguiram montar o Escravo, sob grande expectativa do público carioca. Quando de sua estreia Antonio Carlos Gomes - o Tenico de Campinas obteve mais um esplêndido triunfo e sua carreira artística, tendo André Rebouças, por essa ocasião chamado - o de "Maestro da Abolição". Pena foi que a família imperial, diante dos sucessos políticos que abalavam a Côrte naqueles dias, não pudesse assistir ao trabalho magnífico de Gomes que, diante da exigência do público foi sendo representado em sucessivas noites. O Escravo, como a epopéia africana, é um poema de simpatia e de dedicação, relembrando suavemente o passado, refletindo sobre as páginas mortas da história um luar sereno e benevolente de dulcíssimo efeito -" escreveu-se no Jornal de Comercio, por intermédio de seu crítico de arte. Quando Lo Schiavo foi encenado pela terceira vez foi um verdadeiro delírio da platéia, quando toda ela gritava e as senhoras agitavam lenços e os homens faziam voar chapéus. Mas, como Carlos Gomes era, como ele mesmo dizia "um caipera", naquela mesma noite recebia da velha Itália um telegrama em que lhe comunicavam a morte de um de seus melhores amigos - o Comendador Bonel. Todos os estratos e resumos das operas de Carlos Gomes foram tirados de seu livro - "Carlos Gomes, o Tenico" de Campinas.





Opera

J. ROBERTO GRASSI

"Lo Schiavo", de Carlos Gomes,

A história

"Lo Schiavo" é ambientada no Vale do Paraíba, em meados do século XVI, ao tempo da Confederação dos Tamoios, episódio histórico que se refere à aliança dos índios tamoios com os franceses invasores, em guerra contra os portugueses.

Américo, filho do conde Rodrigo, está enamorado de Ilara, uma escrava índia. O velho Conde, porém, não concorda com a pretensão de seu filho, de desposar a escrava e decide fazer com que outro escravo seu, o índio Iberê (a quem Américo considera mais um amigo que um escravo) com ela se case.

Ilara e Iberê, depois de casados, são vendidos à Condessa de Boissy, a qual, por sua vez, está enamorada de Américo. Este, porém, recusa o amor da Condessa, dando-lhe a entender que seu coração pertence a outra mulher. Logo a seguir, Américo toma conhecimento do casamento de sua amada com seu amigo Iberê, por quem se considera traído e a quem tenta matar.

A Condessa de Boissy, em sinal de gratidão, liberta os in-

dios seus escravos, que combateram ao lado de Coligny, entre os quais estão Ilara e Iberê. Este, após sua libertação, é transformado em chefe dos tamoios.

Américo, pouco depois, cai prisioneiro dos índios chefiados por Iberê e é levado à presença de seu antigo amigo. Os selvagens clamam por sua morte, mas Iberê os despede, para ficar a sós com Américo e Ilara, dizendo que "sua própria" cabeça responde pela do outro.

Durante esse colóquio, Américo tenta matar Iberê, a quem considera um traidor de sua amizade, por haver desposado a mulher a quem ele, Américo, amava. Ilara, entretanto, interpõe-se entre os dois e diz, finalmente, a seu amado que Iberê respeitara sua castidade, apesar de haver a desposado, guardando-a para seu verdadeiro amor.

Iberê, a seguir, acoberta a fuga dos dois e fica para enfrentar seus liderados, que o cercam. Gritando "Vitória! Triunfo o Amor!", Iberê mata-se, enterrando uma faca em seu peito.

"FOLHA DA TARDE", SP, 21.09.1979)